



2004/01/22

AS FORÇAS ARMADAS ALEMÃS EM 2010

Alexandre Reis Rodrigues

Depois de terem sido removidos todos os obstáculos constitucionais que impediam a utilização de forças armadas no exterior, o governo alemão pretende agora alterar os aspectos práticos da sua configuração operacional que, principalmente entre as forças terrestres, ainda são os que foram concebidos para actuação no contexto clássico da defesa territorial dos tempos da Guerra-Fria, hoje de pouca ou nenhuma utilidade imediata.

Para esse efeito, o ministro da defesa alemão, Peter Struck, aguarda uma proposta final sobre uma nova estrutura para as Forças Armadas Alemãs em 2010. Os estudos estão a ser finalizados pelo General Schneiderhan, chefe do estado-maior da defesa, com o objectivo de as tornar mais aptas a dar um contributo útil no actual ambiente de segurança. Sabe-se como não foi fácil reunir os cerca de 7.000 efectivos presentemente empregues no exterior, a maioria no Afeganistão.

À semelhança da tendência prevalecente nos processos de reformas de forças armadas entretanto desencadeados noutros países, as linhas principais de orientação estabelecidas incluem os seguintes aspectos: aumentar o esforço de investimento para modernização, sem prejuízo da necessária coerência entre as missões a atribuir, as capacidades a adquirir e os recursos existentes; uma tónica especial no carácter conjunto das forças e, finalmente, a sua organização para intervenção rápida.

No final do processo, o governo espera que, com um efectivo total de 250.000 militares e 75.000 civis, poder dispor de uma força de intervenção de combate com cerca de 35.000 efectivos, uma força de estabilização de 70.000 (para operações de apoio à paz, com menores exigências operacionais) e de forças de apoio com 137.500 militares.

O efectivo actual total, com 290.000 militares e 115.000 civis, sofrerá no período uma redução de 14% e de 35% respectivamente, para atingir, no final, os níveis atrás indicados. Em resultado destas reduções, o número de divisões no exército será reduzido de 8 para 3, na força aérea de 4 para 3 e, na marinha, as actuais 6 flotilhas, com os navios organizados por tipo, darão lugar a duas flotilhas operacionais. Por outro lado, o comando de apoio e logístico continuará a crescer de importância para garantir a coordenação das necessidades dos três ramos, ficando quase como que um quarto ramo da estrutura de defesa.

Naquilo que alguns consideram como um primeiro passo para o fim do serviço militar obrigatório e correspondente transformação numas forças armadas inteiramente profissionalizadas, o número de pessoal a cumprir serviço militar será limitado a 50.000. Curiosamente, as objecções a esta orientação não provêm de sectores militares mas de sectores civis desde já preocupados com a eventualidade de, nessas circunstâncias, perderem o apoio do serviço cívico a que os objectores de consciência são obrigados, como alternativa à recusa de prestar serviço militar.

Há muito que a Alemanha vem sendo apontada como não estando a fazer um suficiente esforço de adaptação das suas forças armadas aos desafios do actual ambiente de segurança nem estando a dedicar à defesa um esforço financeiro semelhante ao dos seus parceiros europeus. De facto, presentemente, é o país que, em termos percentuais, menos gasta com defesa, entre os chamados “grandes” (França, Reino Unido e Itália). Não é previsível que este último aspecto se venha a alterar no curto prazo, mas a questão da configuração das forças ficará, em princípio, resolvida, dentro dos próximos seis anos. O que é uma notícia importante em termos de defesa europeia.

Se procurarmos estabelecer um paralelismo entre o efectivo total das forças alemãs e a dimensão das suas forças de intervenção, no final do período de reformas, com a situação portuguesa (cerca de 40.000 efectivos, presentemente) teremos que as dimensões das nossas componentes para operações de combate e para operações de apoio à paz, seriam, respectivamente, de 5.600 e 11.200 efectivos. Dirão alguns que a correlação não pode ser feita de uma forma tão simplificada, mas a verdade é que o paralelismo existe sempre e, mau grado o seu maior ou menor rigor, é algo que não deve ser ignorado, mesmo que sob perspectiva, na apreciação da nossa situação.